



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli
Percere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10 Epist. 33.*

Guardarei nesta tolha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*A Religião ainda he mais precisa aos
grandes, aos poderosos, aos ricos,
&c., do que ao mesmo povo..*

Para nos convenceremos da insufficiencia da razão humana relativamente aos costumes basta, que examine-mos as vidas dos mais famosos Philosophos assim antigos, como modernos, sem exceptuar aquelles mesmos, que se apontão, como exemplares. Louva-se, por ex., a Socrates, e em verdade eu respeito a hum Philosopho, que era mui paciente em sua casa, e tinha estomago para sofrer por mulher huma furia bisbilhoteira, raivinhosa, e tagarella chamada Xantippa, a hum Philosopho, que desprezava os monstruosos Deoses do Paganismo, reconhecendo, e adorando a hum só, se bem que nem por isso o porei na Ladainha de todos os Santos, como fazia Erasmo: porém quem há, á excepção do Sr. Fraguier, que não suspeite muito d'amizade do Philosopho e o joven Alcebiades, com o qual se exercia na luta ambos nús, como a palma da mão? E a visita par-

ticular, que fizera a Teodota, senhora formosissima? Não he de crer, que Socrates fosse escrupuloso nestas materias, quando sabemos quantas torpezas permittia em sua Republica o famoso Platão, seu discipulo.

E quem desculpará a Socrates a inquerencia, e hypocrezia, com que zombando, e escarnecendo dos Deoses de Athenas em sua escola, ia os adorar respeitosamente no Templo? Talvez se diga, que assim obrava por prudencia politica: mas que desculpa pode ter o recomendar elle á hora da morte a seus amigos, offerecessem em seu nome hũ gallo ao ridiculo deos Esculapio, segundo huma promessa, que lhe fizera? Taes fingimentos podem caber no animo de hum homem virtuoso prestes a passar ao seio da Verdade Eterna?

O Philosophismo do seculo passado, grandemente atarefado em negociar deacredito, ou despreço ás virtudes christãs, esbafou-se em encomios aos heroes do Paganismo, e hum dos seus mais gabados era o celebre suicida Catão de

Utica: e he muito para notar, que ao mesmo passo que procurava deprimir os mais egregios heroes da Religião de J. C., levasse até as nuvens a esse energumeno republicano, que vivia em continua borracheira, e emprestava a propria mulher á rapaziada de Roma!

Todos sabem, que o celeberrimo Diogenes vivia dentro d'hum tonel. Meno de Lampsaco appresentava-se em publico enfiado em huma tunica preta, com seu chapéo de palha, onde se vião gravados os 12 signos do Zodiaco; assim percorria as ruas, e caminhos, e dizia ter vindo dos infernos para pregar aos homens a sabedoria. Se tal philosopho apparecesse hoje entre nós, que festança para o rapazio! Elle seria mais aplaudido, que o João maluco.

Anaxarco, mestre de Pyrrro, tendo cahido em hum fosso, este recusou tirallo pela razão, aprendida de seu mestre, que tudo he indifferente, e tanto montava viver em hum buraco, como sobre a superficie da terra. O famoso Zeno, chefe da grande escola dos Stoicos, quando andava pelas cidades, carecia d'ir em companhia de seus amigos para não ser pisado pelos carros; por que o philosopho não cuidava em subtrahir-se á fatalidade. O zombeteiro Democrito era capaz de dar gargalhadas ao pé da forca, e o chorão Heraclito andava pelos montes roendo ervas, como cabra, &c. Empedocles, querendo, que o tivessem por huma divindade, precipitou-se no Etna; mas com borzequins de bronze por causa das duvidas; mas descobrirão-lhe a pelotica, e cahio em grande descredito.

Se dos costumes passamos ás doutrinas, não há puerilidade, que não tenha sido sustentada por algum Philosopho. Hum fazia tudo proceder do fogo, outro d'agua. Pitagoras compunha toda a natureza com numeros, Epicuro com os seus atomos: finalmente quem lê attentamente a Historia das Sceitas Philosophicas pasma das extravagancias, de que he capaz o espirito

humano.

Apezar de innumerados erros, e mazellas dos Sabios d'Antiguidade, não tinhão certamente a impudencia, e immoralidade da mór parte dos Philosophos da França em o seculo passado. Estes regeneradores da especie humana mettidos em seus gabinetes, de manhã engenhavão livros sobre a guerra, a que nunca tinhão ido, sobre o governo, em que nunca tiverão parte, sobre o homem natural, que nunca estudarão, se não em as sociedades da Capital; e depois de haverem escripto hum capitulo mui rigido contra o luxo, contra a corrupção do seculo, e contra o despotismo dos grandes, ião á noite li-onjeallos, e fazer-lhes zumbaias em os seus circulos, corromper a mulher do vizinho, e enfrascar-se em todos os vicios imaginaveis.

J. J. Rousseau, especie de Timon o misantropo, esse famoso filosofo de Genebra, cuja austeridade chegava a ponto de querer, que os homens fogissem da sociedade para se não contaminarem, e se pozessem de quatro pés a pastar pelos bosques, que vergonhosas acções publicou em suas Confissões, estando a cima de todas a manifestação da fraqueza, que com elle tivera huma senhora, que o accumulára de beneficios!

„ Velho louco, velho farroupilha (dizia a si mesmo o Sr. Diderot na idade de 62 annos, ainda gamenho, e derretido por quanta mulher via) quando deixarás de expor-te á affronta d'huma repulza, e aos apodos do ridiculo? „ O famigerado filosofo de Ferney assas d'escandalos deo com Madame de . . . , e isto além dos seus Romanes immoraes, tendo o primeiro lugar em obscenidades, e torpezas a sua infamissima *Pucelle d'Orleans*.

Helvecio (hum dos patriarcas do materialismo, e que passava por muito bom homem), apezar de casado, todas as noites mettia em casa huma rapariga, que o seu criado, insigne Merc-

curio, lhe descobria, tendo o cuidado de as joeirar nas classes mais honestas da sociedade; e Chamfort assevera ter visto cartas amorosas do amigo dos costumes, do mencionado Rousseau a hum senho a casada, em as quaes enviava toda a sedução da sua eloquencia para lhe provar, que o adulterio nada tinha de criminoso!

E são estes os reformadores dos povos? São estes os philosophos, que tão profiada guerra fizeram á pura Religião do Homem Deos, taxando-a de superstição, e fanatismo, e cobrindo-a dos maiores improperios, e acintosamente calumniando-a em todos os seus escriptos? São estes os apóstolos da Religião da Natureza, da moral universal? São estes os rancorosos inimigos da Revelação, e de quanto pertence ao Culto Catholico? Hum monumento nos resta do que era a sceita dos Philosophantes do Seculo passado, e esse monumento de horrores he a correspondencia particular entre Diderot, d'Alembert, Voltaire, e Frederico 2.^o, Rei de Prussia. Que código de incredulidade, e de blasfemias! E que prova irrefragavel da necessidade da Religião revelada mórmente para os Philosophos, para os grandes, e poderosos da terra!

Sim, a crença de hum Deos Omnipotente, e justiceiro, d'hum'alma immortal, e de penas, e recompensas além desta vida transitoria, fundamento de toda a Religião, ainda he mais necessaria ao rico, ao poderoso, ao grande, do que ao mesmo povo. Aquelles, tendo mais meios de satisfazer as paixões, a ellas se entregão com mais desembaraço, e frequencia, zombando ordinariamente das leis da sociedade; por que em todos os tempos, e lugares, seja qual for a forma de Governo, verifica se a proposição do antigo Philosopho, que dizia, que as leis humanas erão como as teias d'aranha, as quaes prendião aos pequenos insectos, e dellas nenhum caso fazem os animaes graudos. Que outro freio, se não o da

Religião, embridará o Magistrado, que muito a seu salvo pode vender a justiça, e até pulla em almoeada? Que outro motivo poderoso, que não seja a Religião, acalmará os furores da vingança do coração do rico, e poderoso, que na sua bolsa tem quasi segura a impunidade? Que mão poderosa, que não seja a da Religião, embargará o passo ao rico sensual, que pretende corromper a pudicicia da donzella, ou manchar o leito nupcial? Que força vigorosa, que não seja a da Religião, delirá do pensamento do poderoso o perverso desejo de arrancar ao desvalido a sua propriedade por meio das trapaças do Foro?

Os Philosophantes enchiaõ as bochechas com o vocabulo — *Honra* —, e o inculcavaõ, como o preservativo de todas as más acções. Bom he, que tam bem se respeite a Honra, e que a Moral tenha mais este estimulo: mas a Honra só tem alçada sobre as acções, que saem á luz; por que a Honra he o juizo vantajoso, que os outros fazem de nós. Quando porém as acções forem tão particulares, e escondidas, que se occultem nas trevas do mysterio, e escapem a toda a vigilancia das leis, para a tão gabada honra? Ah! quantos sujeitos abysmados em vicios vergonhosos, e cobertos de horrorosos crimes, gozaõ da estima de homens de bem, só por que os tem sabido esconder aos olhos do Publico!

Tambem os Religionarios, os que tem crença, objecta o Philosophismo, comettem graves peccados, e toda laia de crimes: mas a isto facil he responder, que se o Christão com tão poderoso freio, assim mesmo se despenha; o que fará o incredulo, que corre á redea solta sem temor algum? De mais esses Christãos, que se entregão largamente ás suas criminosas paixões, só são Fieis no nome; não tem verdadeira Fé; ou a tem tão fraca, e vacilante, que pouco dista da incredulidade; por que he inegavel, que as nossas acções par-

tem das nossas crenças, e aquelle que bem ciê, raramente deixará de bem obrar. Esse argumento sedição já foi victoriosamente debellado pelo profundo Montesquieu, quando no Cap. 2.^o Liv. 24 do seu *Espirito das Leis* disse, „ Dizer, que a Religião não he hum motivo reprimente; por que nem sempre reprime, he afirmar o mesmo das leis civiz. He raciocinar muito mal contra a Religião o reunir em huma extensa obra huma longa enumeração dos males, que tem produzido, sem fazer o mesmo a respeito dos bens, que tem causado; pois se eu me poze-se a referir os males, que no mundo tem produzido as leis civiz, a Monarchia, e o Governo Republicano, diria cousas horribeis. „

Mas o Philosophismo, como por hũ resto de pejo, e talvez por fazer o favor de transigir com a doutrina corrente de todos os seculos, concede de barato, que a Religião tenha suas vantagens, mas só para o povo, isto he; para o meuçallo, para a gente ediota, e que não pensa. Mas se a Religião não vêm de Deos, não passa d'huma mentira, de huma patranha, e indigna por consequência de toda a especie humana. O simples facto de atirar com a Religião para o povo, como hum osso, que se lança a cães, he mais que sufficiente para o tornar desprezivel aos olhos de todos; por que quem há hi, que queira ser povo? Quem abraçará regras, e deveres custosos para adquirir a lisonjeira reputação de tolo, e estúpido? Cada qual tomando por modelo a classes, que lhe fica superior, julgará elevar-se por meio da incredulidade, e repetirá tão bem com ar desdenhoso, que a Religião só serve para o povo. Os grandes desprezivelmente atirarão com ella aos Magistrados; estes aos cidadãos, os cidadãos aos Artistas, os Artistas aos serventes, os serventes aos mendigos, que igualmente a desprezarão. Para quem pois virá a ser util a Religião? Responção os Phi-

losophantes.

Apellemos para a experiencia, e perguntemos: quem foi, que introduzio a irreligião até na humilde choupana? Seria o raciocinio? Não certamente: foi sim o exemplo contagioso, foi a vergonha de parecer credulo. Tal he de parceria com o atractivo da deservoltura a verdadeira causa dos progressos da incredulidade. E na verdade grande ousadia cabe, que tenha o Philosophismo, quando pretende seriamente separar o genero humano em duas classes; huma crente para a seguridade da outra, e não tendo outra recompensa, se não o desprezo; huma não reconhecendo outra obrigação mais do que obedecer ás suas propenções, e a outra renunciando a esta para obedecer a deveres quimericos; huma zombando do que a outra mais respeita, de maneira que de huma parte se daria independencia, e quanto o homem ambiciona neste mundo, e da outra a servidão dos prejuizes, e tudo quanto se teme, e aborrece, sem outra remuneração mais do que o desprezo! Que profunda combinação! Que sabedoria do Philosophismo!

Concluamos, que a Religião, unico freio poderoso, unica voz, que clama no fundo da consciencia, he util a todo o genero humano, e ainda mais a aquelles, que mais meios tem de entregar-se ás suas paixões desregradas. Sem Religião nunca existio, nem pode existir sociedade: sem Religião não há pai zeloso, não há filho submisso, não há esposa fiel, não há subdito obediente, não há militar subordenado, não há Magistrado integro, não há commerciante sincero, não há amo respeitado, não há servo obediente, não há amigo fiel; sem Religião em fim o homem, geralmente fallando, he a mais crua, a mais cega, a mais desapiadada de todas as feras. O citado Rousseau, que não he seguramente suspeito na materia, dizia, „ Acreditei até certo tempo, que se podia ser homem de bem sem Religião; mas hoje estou bem enganado desta opinião erronea. „